

SEXO COMO PROFISSÃO: RELAÇÕES DAS PROFISSIONAIS EM QUESTÃO COM O PODER PÚBLICO

SEX AS A PROFESSION: RELATIONS OF PROFESSIONALS CONCERNED WITH THE PUBLIC POWER

Carolina Appel Colvero¹

Recebido em: 13/06/2007
Aceito em: 29/04/2008

Resumo:

Este artigo tem por objetivo levantar alguns elementos referentes às mulheres Profissionais do Sexo no município de Santa Maria-Rio Grande do Sul-Brasil. Tais elementos são voltados para o entendimento das políticas públicas direcionadas a este grupo, bem como o protagonismo e autonomia das mulheres em questão em relação às ações que têm sido desenvolvidas ou discutidas para com elas. A análise das diretrizes do poder público foi feita a partir de objetivação participante e entrevistas aplicadas a um grupo de mulheres que fazem sexo profissionalmente em uma região estigmatizada pelo desenvolvimento de tal atividade. As questões trabalhadas com essas mulheres foram elaboradas no sentido de apreender suas percepções sobre sua profissão, sobre suas motivações para o exercício desta atividade e como elas sentem-se em relação à forma como os outros as vêem. É importante ser salientado que aqui serão discutidos pontos relativos aos interesses públicos e sociais do fenômeno social que é a existência das Profissionais do Sexo. As respostas às questões demonstraram o quanto o poder público entende o caso como uma questão de saúde.

Palavras-Chave: Profissionais do Sexo; Políticas Públicas; Gênero.

Abstract:

This article aims to raise some aspects regarding the women Professional of Sex in the city of Santa Maria –Rio Grande do Sul-Brazil. Such aspects are about the understanding of the public politics directed to this group, as well as the protagonism and the autonomy of the women in question in relation to the actions that have been developed or to discussed about them. The analysis of the government position was made from the participating objectivation and interviews applied to the group of women that have sex as a profession in a region that suffers prejudice because of the development of this activity. The questions made to with these women were draw in the sense of learning their perceptions about their profession. About their motivations for the exercise of this activity and how they some of them feel in relation to the form how others see them. It is important to highlight that in this paper we will discuss some points relative to the public and social interests of the social phenomenon that is the existence of Professionals of Sex. The answers to these questions prove how much the government understands the case as a matter like of health.

Keywords: Professionals of Sex; Public Politicals; Gender.

1 Introdução

Discorre-se, aqui, acerca das mulheres profissionais do sexo e seu protagonismo junto às políticas públicas desenvolvidas para este grupo em questão. No presente caso, a análise é

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Licenciada em Sociologia pela UFSM. Acadêmica do Curso de Pós graduação em Pensamento Político Brasileiro pela UFSM. Mestranda em Ciências Sociais pela UFSM. E-mail: carolinacolvero@yahoo.com.br.

delimitada às profissionais do sexo atuantes no município de Santa Maria, em uma região conhecida pelo desenvolvimento de tal atividade. Este é um lugar onde acontece um “intermédio” entre o centro e os bairros da região norte do município. Fica na Avenida Rio Branco, entre as ruas Vale Machado e Ernesto Becker.

Freqüentado por pessoas pertencentes às classes populares², este é um local onde se destaca a existência de diversos bares que funcionam nos turnos da tarde e da noite, bares estes que constituem nos lugares onde o sexo profissional acontece.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi utilizada a técnica de objetivação participante³, contemplando as questões acerca das demandas das profissionais do sexo, do seu autocuidado e o papel do Estado diante da manutenção/efetivação da atuação dessas mulheres em seu trabalho, dispondo de cuidados para com sua saúde. A objetivação participante possibilitou o contato com as aspirações das mulheres profissionais do sexo, qual sua opinião sobre seu papel e a forma como concebem sua profissão.

A escolha do tema se deu por influência da convivência – desta autora - usufruida junto às profissionais do sexo durante período trabalhando na Política em HIV/Aids da Secretaria de Saúde de Município de Santa Maria. Aqui são descritas percepções inerentes a um ano desta convivência e, alguns casos específicos que são citados a partir de entrevistas semi-estruturadas aplicadas com trinta mulheres, de 23 a 45 anos.

Parte-se da percepção atual de que a configuração do cenário estudado é de um sistema de relações em que as profissionais do sexo compõem uma categoria estigmatizada⁴ ou, um grupo de “desviantes”⁵.

A abordagem de gênero, bem como, a respeito das ações que podem ser desenvolvidas junto ao grupo foram analisadas sob o ponto de vista deste.

2 Uma questão de Gênero: sob o prisma das percepções das mulheres Profissionais do Sexo

²É utilizado o conceito de classe de Pierre Bourdieu (1983), que em *Questões de Sociologia* apresenta tal conceito, definindo-o como um sistema de classificação que orienta o sujeito. A partir daí o autor discute a noção de *Habitus*, originalmente de Norbert Elias, na qual o subjetivo é objetivado no indivíduo através de certas representações.

³Aqui é utilizado novamente um conceito de Pierre Bourdieu (1989). *Objetivação Participante*, descrito em *O Poder Simbólico* faz referência à objetivação da relação pesquisadorXobjeto e se propõe a transcender a ótica fragmentada do objeto, onde este é recortado do meio onde está inserido, considera a própria inserção do pesquisador no meio como fator de influência.

⁴Para o conceito de “estigmatização”, é referenciado Erving Goffman, que em *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, trás estigma como algo que inabilite o indivíduo para a aceitação social plena. Em oposição aos *normais*, os estigmatizados sofrem discriminação que pode ser representada pelo isolamento e violência, bem como por uma ação benevolente para com a situação em que o estigmatizado se encontra.

⁵A consideração do outro simplesmente como uma representação social circunstancial de determinadas características que constituem uma classe de estigma. Estigmatização consiste num conceito similar ao de “desvio social” que, por sua vez, opõem-se aos ditos “normais”. Este sistema de oposições faz com que não se possa pensar isoladamente qualquer uma das categorias, mas sempre num caráter relacional.

Judith Butler (1992), em *Problema de Los gêneros, teoria feminista y discurso psicoanalítico* apresenta uma desconstrução do conceito de gênero no qual está baseada toda a teoria feminista.

Discute a dualidade sexo/gênero utilizado como pilar fundacional na política feminista. Ao fazê-lo, aponta a inexistência de um sujeito para ser representado nas teorias feministas, que se embasam em perspectivas desnaturalizadoras ao definir sexo como naturalmente adquirido, distintamente do gênero, culturalmente construído. Butler questiona quando acontece essa construção de gênero para que o feminismo se aproprie de defender identidade pelo gênero (em detrimento da identidade pelo sexo), ocultando a aproximação entre gênero e essência e gênero e substância.

Butler estabelece interlocução com Simone de Beauvoir (1980) e especialmente com sua afirmação de que “a gente não nasce mulher, mas torna-se mulher”. Nesta afirmação, segundo Butler, Beauvoir não considera que nada garante que o “ser” que se torna mulher seja necessariamente fêmea. Dessa forma propõe um gênero entendido como efeito, a identidade e essência como expressões ao invés de um sentido em si mesmo.

A política feminista, ainda conforme as concepções dessa mesma autora, não apresentam um conceito unificado de mulher, impossibilitando que se constitua uma base categórica de normatização. Assim põe o sujeito como irrepresentável.

Do mesmo modo, Heleith Saffioti (1994) aponta a ambigüidade e a multipliciadade que o conceito abarca, no sentido de que a categorização femininoXmasculino apresenta-se como um regulador das relações sociais. Os sujeitos devem ser todos valorizados da mesma forma, a considerar que são todos singulares. Quanto as singularidades, alguns grupos compartilham as mesmas (em oposição a outros grupos). As profissionais do sexo, enquanto constituintes de um grupo, têm similares relações de trabalho com seus clientes e têm, por peculiaridade, a oferta de políticas públicas voltadas para à assistência á saúde e a promoção do auto cuidado (como será percebido nas temáticas dos materiais informativos e das bibliografias trabalhadas posteriormente).

Ter sua sexualidade e profissão de modo interpenetrado trás a tona fatores culturais que podem influenciar o *ethos* do grupo e sua visão em relação à sociedade e às ações governamentais.

São relevantes as percepções das mulheres sobre suas relações com seus corpos, com valores tradicionais e conservadores reproduzidos na sociedade (patriarcal). E, justamente neste ponto, buscar embasamento teórico e fundamentação histórica para compreender este fenômeno social, sua existência e permanência.

Uma das referências para o desenvolvimento deste estudo é o artigo intitulado *Representações Sociais de Mulheres Profissionais do Sexo sobre AIDS*. Os autores, Leandro Castro Oltramari e Brigido Vizeu Camargo, ao desenvolvê-lo, aplicaram entrevistas semi-estruturadas,

onde puderam relevar aspectos sobre a vulnerabilidade das profissionais do sexo para o risco de contaminação por HIV/Aids. Eles utilizaram-se de perguntas a respeito do uso do preservativo, entendimento sobre a epidemia da Aids e sobre as formas de prevenir seu contágio, e também a respeito de sua relações com clientes e com seus parceiros fixos.

Estes autores supracitados destacaram aspectos importantes verificados sobre a representação social da Aids, como esta ser a doença do “outro”, ser uma doença que atinge a todos que não usam preservativos ao manter relações sexuais.

A percepção que foi relevante, quando em contato com as mulheres em questão, foi a de que o uso do preservativo sempre esteve muito presente (nas suas falas), bem como considerações sobre seu correto manuseio. Fato representativo de que as ações do poder público voltadas às Profissionais do Sexo, claramente fazem referência ao setor Saúde. A presença de mulheres atuando na referida profissão é, portanto, aceita pelo poder público e englobada nas responsabilidades de prevenção à transmissão de doenças venéreas. De certo modo, aqui podemos identificar uma associação possível entre as Profissionais do Sexo com maior vulnerabilidade para contrair o HIV/aids.

No município de Santa Maria, por exemplo, a Secretaria de Saúde do Município, por meio da Política Municipal em HIV/Aids, adotou a ação voltada para Profissionais do Sexo que o município se propôs a executar.

Produzido pelo Ministério da Saúde o manual *Profissionais do Sexo - Documento Referencial para ações de Prevenção das DST e da Aids*(2002), dirigido a grupos de Profissionais do Sexo e a trabalhadores multiplicadores de informações neste sentido, destina-se a referenciar um planejamento e execução de ações para prevenção de DST's e Aids. Ele subsidia a implementação de atividades para prevenção baseado em experiências de atuação nesse segmento.

Num primeiro momento os autores abordam as representações sociais da prostituição, a construção do preconceito, as diferentes políticas e legislações sobre o comércio do sexo, e a história do Movimento de Profissionais do Sexo nos níveis nacional e mundial.

Posteriormente é tratada a vulnerabilidade e as relações entre sexualidade, gênero, estigma e prostituição. Neste momento são destacados pontos relativos à atuação do Sistema Único de Saúde (SUS) em que as ações de prevenção devem ser contempladas.

Além de uma orientação para metodologias de intervenção, o documento discute temas como direitos humanos, cidadania, controle social e violência contra a mulher.

Vale lembrar que dentre as 30 mulheres com as quais foram aplicadas as entrevistas 29 delas declararam não ter liberdade ou sentir-se constrangidas para identificarem-se enquanto profissionais do sexo em algum momento quando em acesso a serviços públicos. Mais relevante ainda é a identificação que essas mulheres têm com os serviços de saúde. Por “serviços públicos” são

entendidos os serviços de saúde. O Sistema Único de Saúde em diversos momentos é citado não somente com dúvidas a respeito, mas referenciando-o como uma política pública acessada por elas.

O Núcleo de Estudos em Prostituição- NEP (2006), de Porto Alegre, produziu um estudo chamado *Saúde, Prevenção, Auto-estima*. A obra visa construir outras e ampliar as já existentes ações de prevenção em DST's/HIV/Aids como forma de contribuir para redução da prevalência da epidemia entre essa população de profissionais do sexo.

Ao fornecer informações para atuações de prevenção nos serviços de saúde disponíveis, tem o intuito de incentivar a adesão e as práticas sexuais seguras nos locais de prostituição.

A implementação deste trabalho (supracitado) foi resultante de percepções sobre a relevância epidemiológica e também acerca da vulnerabilidade identificada junto às mulheres nos territórios onde praticam prostituição. Tais percepções foram conseqüentes de intervenções de campo, levantamento de programas Municipais, Estadual e Nacional em DST/ Aids.

É importante ressaltar que , quando indagadas sobre, as mulheres (todas elas) identificaram os serviços de saúde como os mais acessados dentre os públicos. Poucas ainda citaram alguma delegacia, mas necessariamente numa situação adversa, onde a procura de tal serviço não ocorreu de forma espontânea. De forma que os serviços de saúde lhes procuram ou procuraram em algum momento, caracterizando esta profissão como “uma questão de saúde pública”.

Ainda, para o entendimento sobre corporeidade humana, do corpo com seus aspectos de fenômeno social e cultural, sua simbologias, é válido lembrar David Le Breton (2006), com a obra *A Sociologia do Corpo*. Le Breton nos fala a respeito das corporeidades como motivo de representações, como um intermédio que evidencia a relação do “portador” de tal corpo com os significados deste no mundo, desde os ritos, aparências, dores, até o próprio sentido da existência do corpo.

Constituindo-se, a prostituição, um trabalho exercido tendo o uso do corpo diretamente como instrumento, faz-se necessário buscar compreender quais significações do corpo no fenômeno: as técnicas de sedução, a troca da utilização deste corpo por um bem (dinheiro ou outro), a dor, dentre outros.

Todas as mulheres entrevistadas disseram ter se iniciado na prostituição em busca de dinheiro, dado um momento de necessidades financeiras que poderiam ser supridas com a renda obtida neste tipo de atividade. Entendida como um trabalho, que é convertido em dinheiro, a prostituição é tida como a venda do sexo, mas também de uma companhia para o homem que procura os serviços. Tal função tem sua existência “permitida” conforme o que se pode perceber segundo Simone de Beauvoir.

De Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, coloca a existência das profissionais do sexo como algo consentido e velado na sociedade em que vivemos. Tal sociedade permite a posição do homem

como um ser dominador e logo, a mulher ocupa um lugar inferior. Esta relação possibilita que tenhamos mulheres, exteriores ao casamento monogâmico, que “prestem serviço” para o homem casado, este “serviço” vem a ser a prática sexual, ao que algumas mulheres, que se dispõem a esta função, são pagas para fazê-lo. Conforme citação de Beauvoir:

(...)desde as civilizações primitivas até os nossos dias sempre se admitiu que a cama era para a mulher um ‘serviço’ que o homem agradece com presentes ou assegurando-lhe a manutenção; mas servir é ter um senhor não há nessa relação nenhuma reciprocidade. A estrutura do casamento como também a existência das prostitutas são provas disso; a mulher *dá-se*, o homem a remunera e a possui. Nada impede o homem de dominar e possuir criaturas inferiores; os amores anciliares sempre foram tolerados (DE BEAUVIOR, 1980, p. 112)

Como contraponto à Profissional do Sexo, definição que o homem tem da esposa é representativa:

O marido respeita demais a mulher para se interessar pelos avatares da vida psicológica que ela vive; seria reconhecer-lhe uma autonomia secreta que poderia evidenciar-se incômoda, perigosa; tem ela realmente prazer na cama? Gosta realmente do marido? Sente-se realmente feliz em lhe obedecer? Ele prefere não se interrogar a esse respeito; tais problemas parecem-lhe até chocantes. Desposou uma ‘mulher honesta’, que é por essência virtuosa, devotada, fiel, pura, feliz e que pensa o que se deve pensar. (...) O marido não atribui nenhum mérito a nenhuma das qualidades da mulher; são garantidas pela sociedade, estão implícitas na própria instituição do casamento (DE BEAUVIOR, 1980, p. 235)

De Beauvoir apresenta um entendimento de que a existência da prostituição é crucial desde sempre para que possa haver as mulheres honestas no contraponto. Se há um contrato da mulher casada para com um único homem, que lhe “protege” contra todos os outros, há um contrato da prostituta com todos, que lhe defende contra a tirania exclusiva de cada um.

A autora observou o processo histórico da prostituição, onde se faz uma comparação com as motivações atuais que levam ao exercício desta profissão que boa parte das prostitutas se recrutava entre as empregadas domésticas. Aqui se percebe a prostituição como possibilidade de ascensão dessas mulheres, portanto ao invés de perguntar-se “por que a escolha desta profissão” seria mais coerente questionar “por que não a teria escolhido”.

Cabe lembrar, quando se pensa em “escolhas”, de Pierre Bourdieu (1997) com *As Razões Práticas sobre a teoria da ação*, onde há uma reflexão acerca das razões que levam os indivíduos, ditos autônomos, às escolhas conscientes de suas motivações. As motivações que levam as mulheres ao exercício do sexo como profissão, de acordo com o que elas mesmas retratam nas suas falas, é o sustento dos filhos, da casa e em alguns casos, do marido e dos pais (cabe lembrar que estou me referindo a um grupo bem específico de mulheres de baixa renda).

Temos a herança moral histórica de se entender as mulheres que utilizam do sexo como profissão de amoraís, pervertidas e que não merecem respeito (as falas das profissionais do sexo sugerem isso). Análise tal que deve levar em consideração as especificidades históricas e locais, considerando que este estudo é cabível para mulheres que “batalham” (a partir deste momento passa a ser utilizada esta terminologia para caracterizar o vocabulário próprio das profissionais do sexo) e constituem um grupo de mulheres de baixa renda, onde o resto da família depende do dinheiro da venda do sexo para seu sustento (às vezes exclusivamente). Mas, a despeito do discurso que o senso comum coloca em voga, de que se deve procurar um “trabalho honesto e digno”, pelo contrário do que é o sexo enquanto profissão, faz-se interessante colocar que 14 das mulheres trabalham sim em alguma outra atividade formal ou informal. Além do que, todas afirmam que nenhuma das atividades que desempenham ou desempenharam compensa o rendimento que se obtém através da “batalha”.

Mais relevante do que a questão do dinheiro, é o fato de que as mulheres “batalhadoras” são também mulheres que constituem família, que são mães, filhas, esposas dentre outros papéis desempenhados na sociedade e aceito por ela como um comportamento adequado e condizente com o lugar da mulher no meio social. De fato, as profissionais do sexo reconhecem as atitudes de preconceito que lhes são destinadas, por isso “defendem-se” muitas vezes omitindo a profissão que exercem. Mas consideram que as pessoas que não lhes aceitam é porque são preconceituosas, pois gostam de ser aceitas enquanto tal e daqueles que permitem sua identificação.

Hegel, em *A Fenomenologia do Espírito*, mostra congruência com a visão de Beauvoir:

mas as relações de mãe e esposa têm a singularidade , em parte como alguma coisa de natural que pertence ao prazer, em parte como alguma coisa de negativo que nelas contempla simplesmente seu próprio desaparecimento; é exatamente por isso que em parte também essa singularidade é alguma coisa de contingente que pode sempre ser substituída por outra singularidade. No fundo do reinado erótico, não se trata deste marido e sim de um marido em geral, de filhos em geral. *Não é na sensibilidade mas sim no universal que assentam essas relações* da mulher. A distinção entre a vida ética da mulher e a vida ética do homem consiste exatamente no fato de que a mulher, em sua distinção pela sua singularidade e em seu prazer, permanece imediatamente universal e estranha à singularidade do desejo. Ao contrário, no homem, esses dois lados separam-se um do outro e como o homem possui como cidadão a força consciente de si e a *universalidade*, adquire o direito do desejo preservando ao mesmo tempo sua liberdade em relação a esse desejo. Assim, se a essa relação da mulher se mistura a singularidade, seu caráter ético não é puro; mas na medida em que esse caráter ético assim é, a singularidade é indiferente e a mulher é privada do reconhecimento de si, como este si em um outro.(BEAUVOIR,1980, p.)

Há, hoje, outros papéis a serem desempenhados pelas mulheres além de filha, mãe, esposa, ou seja, além dos papéis historicamente construídos que denotam a passividade inerente a identidade feminina que está em processo de desconstrução. A permissão do trabalho fora do lar é um exemplo de que há uma mudança em voga. Acontece que um dos trabalhos fora do lar é

enquanto Profissional do Sexo que, antigamente não era permitido para mulheres “decentes”, isto é, mulheres com algum respaldo para reivindicarem seus direitos de cidadãs.

Sobre o entendimento do trabalho, este exercido por elas é visto como qualquer trabalho informal que ajuda “por um tempo” a manter as despesas da casa ou serve como um “bico”. Ou seja, as mulheres vão para a “batalha” e vêm nisso um caráter passageiro e/ou para completar a renda num período específico de tempo.

Ainda nesta mesma linha, João Pacheco de Oliveira Filho (1987) nos coloca a importância de descrever ocasiões em que possa haver ruptura das normas sociais aceitas acarretando no seu reincorporamento ou na separação do indivíduo ou grupo em uma nova unidade social autônoma.

Este autor cita possíveis análises das atividades humanas, em estudos de grupos que compõem a sociedade ou não, da mesma forma que não diz respeito apenas às atividades que visam promover o bem estar ou continuidade do grupo, mas podendo referir-se á atividades que visam ao desenraizamento das estruturas.

Há, de certo modo, uma ruptura com as normas sociais aceitas no momento em que há serviços públicos para atendimento das profissionais do Sexo. Está-se dado que elas existem desde sempre, o que é novidade é este não ser mais um fato velado. Agora, por mais preconceitos que elas ainda dizem sofrer, há lugares que prevêem sua existência.

3 Conclusão

Enquanto fenômenos sociais para ser analisados, as relações das mulheres profissionais do sexo com os solicitantes dos seus serviços (os seus clientes) estão colocadas, nos tempos atuais, diferentemente da forma como o eram no início da discussão acerca das *redes de processos* ou dos *grupos*, mas, certamente, algumas características peculiares destas relações às colocam como possíveis *redes de processos*. No sentido de que, se está dado a existência mulheres em tal atividade, e se elas afirmam ganhar mais dinheiro em relação a outras profissões exercidas (ou que poderiam exercer), é porque sua profissão tem uma razão de ser e está de certa forma, legitimada em sua existência.

Logo, o poder público não pode ignorar sua existência e, toda ação voltada a este público vem a atender demandas que são reais. Já que são, então, os trabalhadores da rede de saúde municipal os precursores de ações direcionadas às Profissionais do Sexo, estes mesmos são os responsáveis por disseminar, junto à elas informações pertinentes á sua área de trabalho mas que também possam abranger o diálogo com outras áreas e outras instâncias.

A reflexão sobre os comportamentos deve se dar sem julgamentos morais e sociais, considerando que o comportamento reproduzido nas falas das mulheres em questão traz as

preocupações para com o autocuidado e com uma maior respeitabilidade de sua profissão, conforme objetivam as ações até então desenvolvidas no município.

.Estamos, já, num outro patamar de discussão sobre Profissionais do Sexo. Consideremos a historicidade do fenômeno e podemos perceber que agora o momento se refere muito mais à prevenção à saúde, ao autocuidado e aceitação do outro, entendendo-o como um cidadão – no caso cidadãs – como uma responsabilidade do Estado que está emergindo a partir das Políticas Públicas.

Referências Bibliográficas

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. Profissionais do Sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da Aids/ Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989. Trad. por TOMAZ, Fernando.

_____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero Limitada, 1983.

_____. **Razões Práticas** sobre a teoria da ação. Campinas: Ed. Papirus, 1997. Trad. por CORRÊA. Mariza.

BUTLER, Judith. “Problema de los gêneros, teoria feminista y discurso psicoanalítico”. In: NICHOLSON, J. Linda (Org.). **Feminismo/posmodernismo**. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1992.p.75-95.

CAMARGO, Brígido Vizeu & OLTRAMARI, Leandro Castro. **Representações sociais de mulheres profissionais do sexo sobre AIDS**. Estudos de Psicologia, 2004. Disponível em www.scielo.br/pdf/epsic/v9n2/a13v9n2.pdf. Acesso em 6 Jan 2007.

DE BEAUVIOR, Simone. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1980. Trad. por MILLIET, Sérgio.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Ed. Guanabara, 1988.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006. Trad. por FUHRMANN, Sônia.

NÚCLEO DE ESTUDOS EM PROSTITUIÇÃO (NEP). **Saúde, Prevenção, Auto-estima**. Porto Alegre: NEP, 2006.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. “Antropologia Política”. In: SILVA, Benedito (Coord.). **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: FGV, 1987. p. 64-67.

SAFFIOTI, Heleith. Conceituando Gênero. In: SAFFIOTI, Heleith e VARGAS, Mônica Muñoz. (Org.). **Mulher Brasileira é Assim**. Brasília: Rosa dos Tempos, 1994.

VELHO, Gilberto (Org.). **Desvio e Divergência**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1985.